



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/sete-quedas/>

Sobre o desaparecimento das Sete Quedas: histórias situadas e arte

Mariana Reis Leal Fernandes[1]

RESUMO: Inspirado na abordagem não-moderna de Donna Haraway, este ensaio conta narrativas outras sobre o desaparecimento das Sete Quedas, um conjunto de cachoeiras localizado na cidade de Guaíra, no estado do Paraná, por meio de obras de arte. Ao analisar como histórias localizadas e parciais tecem uma complexa rede de relações entre humanos e não-humanos, o estudo busca promover uma compreensão mais responsável sobre esse acontecimento. Se destaca a importante relação entre diferentes seres e modos de viver na construção de saberes, refletindo sobre narrativas únicas. Os diferentes textos artísticos conduzem a pensar criticamente sobre as implicações naturais e culturais do desaparecimento das Sete Quedas.

PALAVRAS-CHAVE: Sete Quedas. Arte e ciência. Histórias situadas. Relações humanos e não-humanos.

On the Disappearance of the Sete Quedas: Situated Stories and Art

ABSTRACT: Inspired by Donna Haraway's non-modern approach, this essay investigates alternative narratives about the disappearance of the Sete Quedas, a group of waterfalls, located in the city of Guaíra, in the state of Paraná through works of art. By analyzing how localized and partial stories weave a complex network of relationships between humans and non-humans, the study aims to foster a more responsible understanding of this event. It highlights the significant relationship between different beings and ways of life in the construction of knowledge, reflecting on unique narratives. The diverse artistic texts lead to critical reflections on the nature and cultural implications of the disappearance of the Sete Quedas.

KEYWORDS: Sete Quedas. Art and science. Situated stories. Human and non-human relations.



Considerações iniciais

Contar histórias em que a arte se articule com a ciência em práticas que nos convidem a imaginar outros mundos possíveis é onde estou hoje. Sendo professora de Arte/Dança do Instituto Federal de Santa Catarina, os emaranhamentos entre arte e ciência estão no meu foco de interesse. Mas não qualquer encontro. Um olhar crítico e não inocente, reflexivo sobre os processos e contradições da sociedade moderna, preocupado com caminhos que nos levem a viver e morrer melhor.

A autora que me mobiliza tais discussões é Donna Haraway[2] que fez ecoar em mim situações vividas, as quais, como a própria autora diz, fui convidada a lembrar[3]. Nas suas obras, ao pensar e habitar problemáticas relacionadas à tecnociência e tecnocultura, a autora traz diversas vezes para a conversa, artistas e obras de arte. Quando, por exemplo, nos conecta ao *Arch*[4] (2021), de Andy Goldsworthy ou a *James (sitting)*[5] (2022), de Patricia Piccinini, Haraway aponta outras linguagens que também estão preocupadas em discutir os rumos do planeta.

A arte não se limita à linguagem verbal, ela engloba diversas formas de expressão, cada uma com suas particularidades e capacidades de produzir e comunicar ideias complexas. Nessa diversidade de linguagens se permite a especulação, onde florescem outras maneiras de habitar o mundo. Uma especulação sempre em aberto, despertando possibilidades, convidando à consideração sobre possíveis consequências de nossas ações.

Assim, a arte abre espaços onde se fabricam mundos entre as relações e contradições do “progresso” e pode apontar possíveis caminhos para que possamos continuar vivendo em um planeta em destruição. Ao tecer esses mundos, a arte nos permite questionar e reimaginar o que entendemos como “desenvolvimento”, cujos imaginários e práticas estão intimamente associados à ciência e a tecnologia. Portanto, a articulação entre arte e ciência, não apenas desafia as separações tradicionais e hierárquicas entre os dois campos, como nos permite experimentar realidades alternativas e habitar crítica e sensivelmente questões urgentes na contemporaneidade. Com um novo olhar, inspirada pela perspectiva não-moderna da autora, que busca contar histórias situadas, foco em histórias de arte e ciência, ou melhor, histórias de arte e “progresso”, que versam sobre a complexa rede localizada de agentes humanos e não-humanos. Na abordagem moderna, a natureza está capturada pela ciência, ou seja, ela se estabeleceu como a principal lente



para a compreensão da natureza. É habitando criticamente esse horizonte que posiciono os emaranhamentos arte e “progresso”. O acontecimento condutor desta narrativa, é o desaparecimento das Sete Quedas do rio Paraná, ou Salto del Guairá, como as quedas d’água eram nomeadas no vizinho Paraguai. Eu o escolhi, como exemplo dos meus encontros, mergulhando em histórias herdadas. O que contarei aqui, se baseia em fragmentos de memórias e paisagens, vividas e imaginadas, são lembranças individuais e ao mesmo tempo coletivas. Obras de arte são as guias dessa história.

Pequenas vozes perante o “progresso” na ditadura militar

A casa da minha avó paterna era simples, porém muito aconchegante. Feita de tábuas largas de madeira, com cômodos pequenos e um belo fogão a lenha. Tenho lembranças de árvores frutíferas no quintal, uma horta e algumas galinhas. Por ser de origem humilde, não era comum muitas fotografias ou quadros espalhados pelos cômodos, somente poucos registros familiares e algumas imagens afirmando a fé católica. Entre poucas memórias pictóricas que tenho dessa época, me vem à mente especificamente um quadro, que ficava alocado em cima do sofá da sala. Um quadro já desgastado pelo tempo, que representava indícios de épocas passadas. A imagem, que consistia em grandes cachoeiras atravessadas por uma ponte, carregava a força das quedas d’água que se foram, assim como os visitantes e moradores ali representados, em cima da ponte sobre o rio. Eu ouvia de familiares, relatos animados sobre peripécias nas águas, pulos da ponte, dias passados no rio. Em outros momentos, lembravam tristemente de irmãos e amigos que morreram ao realizar tais façanhas. Durante a minha infância e adolescência, aquele quadro foi o único retrato que vi dos Saltos. Foram os únicos relatos que ouvi sobre as Sete Quedas. Mesmo sendo natural do estado do Paraná, os livros didáticos não apresentavam essa temática na escola. Mesmo meu pai sendo natural de Guaíra, nunca quis tocar no assunto. Mesmo minha avó tendo suas terras inundadas pela água, silêncio.

Donna Haraway (2021, 2022, 2023) aborda o termo herança, de maneira complexa e multifacetada em suas narrativas. É um processo contínuo de resignificação, individual e coletivo, que envolve materiais e práticas e seus significados. O desaparecimento das Sete Quedas serve como um ponto de atenção para abordar a herança como um processo contínuo de construção e reconstrução. Houve uma perda, como seguir adiante por futuros mais justos? A questão é considerar continuamente os padrões herdados e habitados, e quais padrões são passados adiante. Essas



histórias coconstitutivas podem ocorrer em diferentes escalas de tempo e espaço, incluindo nossa história pessoal e situada. “Espécies companheiras [ou ciborgues] não podem ter amnésia evolutiva, histórica e pessoal” (2021, p. 94).

A política econômica implementada após o golpe militar envolvia forte industrialização e a criação de megaempreendimentos. O entendimento de desenvolvimento está diretamente relacionado ao crescimento econômico, ou seja, ao capitalismo. Assim, a crença é de que se deva investir em industrialização, para se alcançar o tão almejado padrão de “nação desenvolvida”. No Brasil, devido à sua ampla gama de “recursos” naturais, muitos desses projetos foram implementados, incluindo as hidrelétricas. Ademais, todo o processo de industrialização demanda muita energia elétrica. Assim, as águas do rio Paraná, onde estavam localizadas as Sete Quedas, atraíram os olhares para este tipo de investimento. Um rio determinante, que unia os interesses de duas ditaduras vigentes. A Guerra da Tríplice Aliança (1864 – 1870) demarcou limites de fronteiras através de documentos do *Tratado de Limites* de 1872, que incluía as terras em questão. O tratado estabeleceu o Rio Paraná, em seu trecho comum aos dois países, como uma fronteira em condomínio. No entanto, nas terras onde se encontravam as Sete Quedas, Brasil e Paraguai não chegaram a um consenso de demarcação, devido à complexidade geográfica da região. A represa binacional, simbolizava uma trégua em um jogo geopolítico antigo. Ou seja, a construção da Itaipu não resolveria somente uma questão energética, mas deu fim ao impasse diplomático sobre a indefinição da fronteira, sendo acordado que a produção de energia gerada na usina seria utilizada pelos dois países. Nesse cenário, forjado pela ditadura militar brasileira (1964 – 1985), está situado o desaparecimento das Sete Quedas.

Naquela época era comum o silêncio, ou melhor, ser silenciado. Mas alguns se recusaram a fazê-lo, como alguns artistas. Nas décadas de 1960, 1970 e 1980, os festivais de música brasileira representavam uma resposta à repressão sofrida pelo regime ditatorial no país. Esses festivais possuíam forte apelo nacional por serem transmitidos por emissoras de TV que eram também suas organizadoras. Frequentemente, as músicas participantes dos festivais abordavam criticamente a situação atual do país, na maioria das vezes de forma metafórica, buscando burlar a censura dos militares.



No ano de 1980, o estado do Paraná organizou o seu 1º Festival de Música Popular, intitulado *Todos os Cantos*. A etapa final ocorreu no dia 14 de dezembro, no Teatro Guaira, em Curitiba, sagrando a

canção *Sete Quedas*[6] como a grande campeã. A música de Leontamar Valverde Pereira era uma crítica à construção da usina hidrelétrica de Itaipu e um ato de pesar pelo iminente desaparecimento das Sete Quedas, que seria efetivado em 1982.

Ao discorrer sobre o fim das quedas, a música apresenta as assimetrias de um modelo desenvolvimentista e imediatista, que reduz a dita natureza a um recurso a ser dominado. Na “voz das águas”, como descrita no refrão: “Canta, canta cachoeira teu derradeiro cantar. Canta, canta cachoeira do interior do Paraná. Canta, canta cachoeira que vontade de chorar, misturar as minhas lágrimas com as águas do lugar” (Pereira, 1980), ressoa a dor pela perda, expressa na canção. Essa dor pode ser interpretada como um convite harawayano à responsabilidade, a nossa capacidade de responder, reconhecendo que todos os seres, humanos e não-humanos, estão em relações entrelaçadas e são agentes ativos nesses processos.

Versos, memórias e paisagens

Um ilustre poeta do nosso país, registrou em versos esse acontecimento, preservando memórias sobre o que já não existe mais. A obra de Carlos Drummond de Andrade, *Adeus a Sete Quedas*[7], publicado no jornal do Brasil em 1982, narra memórias que ficaram submersas em 1.350 km² de água. O lago que se formou, sendo 770 km² pertencentes ao Brasil e 580 km² do vizinho Paraguai, carrega memórias de diversas localidades. Diretamente, foram oito municípios afetados somente no estado do Paraná (Guaíra, Terra Roxa, Marechal Cândido Rondon, Santa Helena, Matelândia, Medianeira, São Miguel do Iguaçu e Foz do Iguaçu). Memórias também dos animais que foram realocados “o quanto possível”, assim como das plantas, as quais nem era possível a realocação. Alguns moradores descreveram esses últimos respiros, ao ver as copas das árvores rodeadas pelas águas, como mãos suplicando por ajuda (Mundo Novo, 2013).

Como já antevia o poeta: “E desfaz-se por ingrata intervenção de tecnocratas. Aqui sete visões, sete esculturas de líquido perfil dissolvem-se entre cálculos computadorizados de um país que vai deixando de ser humano para tornar-se empresa gélida, mais nada” (Andrade, 1982), a construção da hidrelétrica seria a definição do “progresso” nacional, afirmando o Brasil como uma nação de



grande destaque. As reportagens veiculadas na época reforçavam essa posição política e narrativa e foram constitutivas da nossa memória coletiva como nação. Aceitar as perdas era visto como necessário para bancar o processo de modernização da pátria. Acreditava-se, ou se fazia acreditar, que a prosperidade trazida pela Itaipu seria extremamente benéfica, compensando as perdas. Já para os guairenses, os tais benefícios prometidos nunca foram vistos.

O governo do Paraná lançou uma campanha nacional intitulada *Visite Antes que Acabe*, incentivando turistas de todas as regiões para conhecerem a atração que estava prestes a desaparecer. A chamada funcionou, e muitas pessoas foram até o local e se amontoaram nas precárias pontes sobre os Saltos. A estrutura, já sem manutenção, não suportou o peso de centenas de turistas, e se rompeu. Transcrevo aqui um pequeno texto publicado no jornal Folha de São Paulo comentando sobre o incidente:

Em janeiro de 1982, 32 pessoas morreram com o rompimento de uma ponte, em um passeio à cachoeira de Sete Quedas, no município paranaense de Guaíra (649 km de Curitiba). A ponte ficava no Parque Nacional de Sete Quedas, administrada na época pelo IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal).

Os cabos de aço que sustentavam a ponte romperam, fazendo com que as pessoas caíssem de uma altura de 25 metros sobre o rio Paraná. A ponte, que tinha mais de 65 anos, não passava por manutenção desde 1969.

Mais de 900 pessoas ficaram isoladas em um dos rochedos que tinham ligação com a ponte. As equipes de resgate trabalharam por mais de uma semana em busca de corpos levados pelo rio.

O IBDF conseguiu isentar-se da responsabilidade pelo acidente e as vítimas não foram indenizadas. O diretor do IBDF do Paraná na ocasião, general Alcindo Gonçalves, disse que os culpados pelo acidente foram as vítimas, pois subiram em grande número na ponte ao mesmo tempo. “Alguns engraçadinhos balançaram os cabos de aço propositadamente.”

O delegado e o prefeito de Guaíra acusaram o índio Pedimar Porã de ter planejado o acidente. Porã era o encarregado de fazer pequenos consertos na ponte. O acidente de ontem foi o quarto desde a implantação do passeio de barco no rio. Nos anteriores, passageiros caíram dos botes, mas foram resgatados com vida (Queda [...], 1999).

Infelizmente, ocorreram inúmeros acidentes durante a construção da Usina[8], ceifando a vida de 106 pessoas. O artista paranaense Napoléon Portiguara Lazzarotto (Poty), prestou suas homenagens a esses trabalhadores também invisibilizados. Atualmente, seu *Painel do Barrageiro* (1998) está exposto no Mirante Central de Itaipu.

Figura 1: Painel do Barrageiro



Fonte: Patrimônio Cultural Paraná, 2015

No ano de 1986, o Parque Nacional do Iguaçu foi incluído na lista da UNESCO como Patrimônio Mundial Natural. Voltando às divagações que me trouxeram a este ensaio, fico me questionando sobre essas categorizações. A classificação do Parque como exclusivamente natural me parece insuficiente, já que a própria noção de "paisagem cultural", introduzida pelo Instituto do Patrimônio Artístico Histórico Nacional (IPHAN) na Portaria 127 de 2009, desafia essa dicotomia. Segundo o documento, a “paisagem cultural brasileira é uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência imprimiram marcas ou atribuíram valores” (IPHAN, 2009, p.17). Portanto, a interpretação que o texto sugere, é de que a paisagem não pode ser considerada como algo estático, seus valores precisam ser constantemente reproduzidos para que permaneça significativo.

O cotidiano de Guaira dependia especialmente do Parque Nacional das Sete Quedas, era um importante marco de seu território. Nesse território viviam pessoas, animais, plantas, e claro, a minha avó, que sofreram um processo de desterritorialização forçada. Vivendo na área fronteira entre Brasil e Paraguai, ela era uma das pequenas agricultoras ribeirinhas, que tinha na terra seu sustento e modo de vida.

Locais como os dois Parques, são lugares de disputa entre significados e recursos econômicos, onde material e simbólico se entrelaçam. A disputa por esses significados molda as políticas públicas e, conseqüentemente, a permanência dessas localidades. Ao anular um espaço, não apenas a sua materialidade desaparece, mas também a memória que o habita, abrindo espaço para novas narrativas. Como argumenta Haraway (2022), essa teia é construída de forma relacional e situada, onde não é possível a fala de “lugar nenhum”. O processo se ancora em acontecimentos fundadores, aqueles que se transformam em referência para as comunidades. Tais acontecimentos



são o elo entre passado, presente e devir. O *como lembrar* está diretamente ligado ao compartilhamento de experiências, e ao como habitar. Essa é a complexidade dos emaranhamentos naturais culturais, de maneira inescapavelmente situada.

A nova realidade enfrentada por Guaíra faz emergir na cidade também uma recente paisagem, aquela que lida com o impacto das inundações. Grandes projetos hidrelétricos como o apresentado neste texto, representam muito mais do que a mera geração de energia. Eles são a afirmação de certas narrativas e não de outras, são o marco do poder, de uma concepção de mundo, que se pretende hegemônica. Ao inundar essas áreas, modos de viver são perdidos, rompendo os laços das comunidades. As pessoas ficam se sentindo, ou sendo colocadas, como os entraves para o “progresso”. A memória coletiva perpetuada pela Itaipu, foi aquela que eu aprendi na escola e no cotidiano familiar: o maravilhamento da megaconstrução, feita pela força do homem. A única narrativa a ser seguida.

O que resiste

De acordo com o site da prefeitura de Guaíra, as Sete Quedas se localizam em uma região fronteira internacional, abarcando Brasil e Paraguai, em terras originárias guaranis. Segundo Mac Donald Bernal e José Carlos dos Santos:

Antes da formação do lago de Itaipu, foram localizados e cadastrados 71 indígenas, compondo 13 famílias, que formavam a Comunidade de Jacutinga – de índios do ramo ‘Avá’ da Nação Guaraní – em área de 30 hectares. Essas famílias foram transferidas para a então recém-criada Reserva Indígena do Ocoy, com uma área de 250 hectares, com apoio técnico e financeiro da Itaipu. Nessa mesma época, levantamentos arqueológicos comandados pelo professor Igor Chmyz, da Universidade Federal do Paraná, descobriram 210 sítios só na margem brasileira do Rio Paraná, onde foram recolhidas grande quantidade de peças de madeira, pedra e cerâmicas confeccionadas por populações que habitaram a região entre 1.000 e 8.000 anos passados (MacDonald; Santos, 2014, p. 204).

Antecedendo a completa inundação do lago de Itaipu, foi iniciada uma operação conhecida como *Mymba Kuera* (pega bicho), com o objetivo de resgatar e realocar os animais que viviam na região. A atividade tinha uma previsão de execução de cerca de três meses. No entanto, o local vinha sendo afetado por fortes chuvas, o que acelerou o enchimento do reservatório. Imagens dos animais se refugiando no topo das árvores correram as mídias e as mentes das pessoas da época. Muitos animais não sobreviveram, e junto deles, diversas outras entidades.

Figura 2: Operação *Mymba Kuera*



Fonte: Portal da cidade Santa Helena, 2022.

A imagem dos animais nos topos das árvores também ficou presente na memória coletiva das famílias indígenas realocadas em Ocoy, dando origem a uma das marcas dessa comunidade: a *Árvore da Vida*, artesanato guarani em forma de escultura em madeira, referenciando a formação do Lago de Itaipu. Em 2006, com incentivos da Itaipu, foi criado um projeto de sustentabilidade, do qual a população da Reserva Indígena de Ocoy era integrante, chamado de *Programa Ñandeva*. Dentre outras atividades, destaco o incentivo a importante ênfase no artesanato guarani. A produção da *Árvore da Vida* está imbricada ao mecanismo de lembrar e esquecer, aos diálogos com o território, às articulações políticas de modos de vida.

Figura 3: *Árvore da Vida*



Fonte: Macdonald; Santos (2014, p.214)



É igualmente de origem guarani o nome do movimento de manifestação contrário ao sumiço das cachoeiras. Até então, a narrativa que recebia visibilidade era o da grande engenhosidade da Itaipu. O *Quarup* veio para contar uma outra história. O movimento podia ser entendido como um festival de arte e ciência, que reuniu integrantes de todo o país. Artistas, ecologistas, ativistas e moradores da cidade acamparam no parque durante os dias 23, 24 e 25 de julho de 1982, entoando músicas, poemas e discursos em protesto aos acontecimentos prestes a ocorrer. O festival emprestou o nome de um conhecido ritual de celebração indígena, em homenagem àqueles que se foram. Uma das partes mais marcantes do *Quarup*, foi a marcha coletiva que ficou conhecida como *Via Sacra das Sete Quedas*. Os participantes se uniram em uma caminhada que se iniciou na entrada do parque até o conhecido Salto 14, que era a maior das quedas d'água. As Sete Quedas na verdade era um conjunto de dezenove quedas d'água. Visualmente, elas se compunham em sete agrupamentos de quedas, os quais inspiraram seu nome. No decorrer do trajeto foram feitas sete paradas perante as águas. Em cada uma delas, foi recitado um trecho da carta de protesto criada durante o encontro. A união entre crenças indígenas e europeias não foi suficiente para a manter aquela exuberância.

Mas esse *Quarup* não foi o primeiro a habitar o imaginário da população brasileira. Coincidentemente ou não, em 1977, outro grupo de artistas que visava escancarar o apagamento que os povos indígenas vinham sofrendo desde os anos 1500, também se apresentou sob o encantamento do *Kuarup*. O espetáculo *Kuarup*, da companhia de dança Ballet Stagium, é uma referência histórica na dança de resistência à ditadura. A obra conseguiu ludibriar a censura da época, trazendo a temática do genocídio indígena no nosso território. Antes da estreia, foi lido o *Manifesto Antropófago*, escrito por Oswald de Andrade, marco do movimento modernista brasileiro.

Como hoje já se habituou a saber, ou não saber, sendo ainda o caso desconhecido de muitos, os Saltos foram submersos. Mas o conflito gerado pela implantação da hidrelétrica de Itaipu, e projetos previstos de outras hidrelétricas a serem implantadas nas décadas de 1980 e 1990, fez emergir um movimento social que ajudou na organização dos impactados pela construção da Usina. O *Movimento Justiça e Terra* surgiu em 1980 e foi formado pela união daqueles que perderam suas terras no processo. No entanto, a articulação sobre a indenização dos agricultores teve início em 1977. A organização não foi simples. Parte das pessoas reivindicavam terras



produtivas e outra parcela exigia que se pagasse um preço justo pelas suas terras inundadas. A Itaipu sabia dos impasses e tentava a todo momento desarticular o movimento, pois tinha conhecimento que quanto mais as pessoas se unissem, mais difícil seria suas manipulações. Nessa batalha, pessoas nunca receberam um preço justo pelas suas perdas (supondo fosse possível). Alguns foram assentados em estados como o Acre e Amazonas, enquanto outros tiveram a “sorte” de conseguirem permanecer no Paraná, como a minha família.

O grupo que foi para a região norte do país, era na sua maioria constituído por posseiros, que se viram vítimas de uma campanha da própria Usina em parceria com o governo. Com propagandas enganosas e prometendo muita prosperidade, eles foram seduzidos por essa localidade. Todavia, essas pessoas passaram cerca de um ano e meio sem receber nenhum tipo de assistência, tendo que sobreviver em um ambiente completamente diferente do qual estavam acostumadas. Muitas inclusive, morreram de doenças tropicais como a malária (Fullgraf, 2024). A certeza que todos os envolvidos tiveram daquela situação, é que unidos eles se fazem fortes. Tendo consciência disso, várias reuniões e movimentos foram se fortalecendo no país, em busca de melhores condições para aqueles vistos como “avessos ao progresso”.

As palavras de Drummond, a movimentação que o *Quarup* proporcionou e a saga desses sujeitos inspiraram um jovem cineasta recém-chegado ao Brasil, depois de doze anos na Alemanha, a registrar essas histórias. Frederico Fullgraf dividiu seu trabalho em duas produções diferentes, ambas de 1983. O curta-metragem *Quarup Sete Quedas*, dá ênfase aos últimos momentos de vida daquela que dá nome à obra. Já o documentário *Desapropriado*, mostra o desenrolar da história contada acima, em busca das terras e indenizações. Segundo o site Brasil de Fato, que transcreve palavras ditas pelo padre Werner Fuchs, um dos incentivadores do filme e da resistência dos agricultores, esse teria sido o filme mais assistido nas duas décadas no estado do Paraná. Me parece estranho. Me lembro de ter assistido na escola produções como *O Nome da Rosa* (1986), *A sociedade dos poetas mortos* (1989) e até *Diário de um Adolescente* (1995), mas não *Desapropriado* (1983). Inclusive, o filme documenta uma assembleia do *Movimento dos Agricultores sem Terra no Oeste do Paraná* (Mastro). Mesmo sem ter conhecimento na época, tal reunião é considerada histórica, por ser uma das que deu origem a uma resistência atuante até hoje no Brasil, o *Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra* (MST).

Considerações Finais



Na visão de Donna Haraway (2021, 2022, 2023), ao contar histórias, também construímos relações. É uma prática importante e significativa, pois histórias são compostos semiótico-materiais. Estão envolvidas a materialidade e a linguagem, práticas de pensar e agir. Não sendo uma prática neutra, o ato de narrar, se torna um ato político. No contexto deste trabalho, a história se apresenta em diversas formas de texto. A música, o artesanato, a performance, exploram possibilidades de existências outras, novos modos de habitar o mundo pelo florescimento multiespécie. Ao contar histórias, há a oportunidade de desafiar as narrativas dominantes e especular futuros vivíveis, onde não haja espaço para a excepcionalidade humana, mas sim como parte de uma rede emaranhada de relações significativas.

As histórias que emergem neste ensaio, são baseadas em fragmentos de memórias e paisagens, sugerindo a potencialidade das artes para a produção de outras narrativas. Essas narrativas, ao celebrarem a importância das paisagens como heranças compartilhadas, repensam as relações com o passado, presente e futuro, não separando do jogo os demais seres que habitam o planeta, melhor dizendo, seres que são colocados no planeta sob o discurso do “desenvolvimento” e do “progresso”.

Sempre que passamos pela mesma paisagem, a enxergamos de maneira habitual. É necessário um estado de escuta, um olhar disponível, para sair da catarse do dia a dia e refletir sobre os emaranhamentos presentes ali. É o que buscam as obras de arte apresentadas. Compactuo com Haraway quando a mesma escreve: “Estou comprometida com as mundificações de arte e ciência que propõem práticas simpoiéticas para que possamos viver em um planeta degradado” (Haraway, 2023, p.125).

Agradecimentos

Ao professor Dr. Henrique César da Silva, pelos diálogos e reflexões para a construção deste trabalho. Aos membros do grupo FLUXO - circulação e textualização da ciência e educação científica, Grupo de Pesquisa vinculado ao PPGET/UFSC. Aos colegas da disciplina *Estudos e práticas sobre naturezas I* (2024.1), junto ao PPGET/UFSC, onde nasceu a primeira versão deste ensaio.

Bibliografia



ANDRADE, Carlos Drummond de. **Jornal do Brasil**, Caderno B, 09 de set. 1982. Disponível em: <https://www.algumapoesia.com.br/drummond/drummond30.htm>. Acesso em: 27 de maio de 2025.

FULLGRAF, Frederico. Cinema. Notas sobre a produção dos filmes “Desapropriado” (1983) e “Quarup Sete Quedas” (1983). **Brasil de Fato**, 2024. Disponível em: <https://www.brasildefatopr.com.br/2024/04/28/cinema-notas-sobre-a-producao-dos-filmesdesapropriado-1983-e-quarup-sete-queadas-1983>. Acesso em: 31 de julho de 2024.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema**: fazer parentes no Chthuluceno. São Paulo: N1edições, 2023.

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras** - cachorros, pessoas e alteridade significativa. Trad. Pê Moreira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARAWAY, Donna. **Quando as Espécies se Encontram**. São Paulo: Ubu, 2022.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). Portaria n. 127, de 30 de abril de 2009. Estabelece a Chancela da Paisagem Cultural Brasileira. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 144, n. 83, p. 17, 5 mai. 2009.

MACDONALD, Fernandes; SANTOS, José. “A Árvore da vida, o mymba kuera e o dilúvio na tríplice fronteira”. **Revista Ideação**. Foz do Iguaçu, v.16, n. 2, 2014. p. 203-225.

MAGGI, Leonardo. Itaipu e a ditadura no Brasil. **Movimento dos atingidos por barragens**, 2024. Disponível em: <https://mab.org.br/2024/04/02/itaipu-e-a-ditadura-no-brasil/>. Acesso em: 2 de agosto de 2024.

O MST: nossa história. **Movimento dos trabalhadores rurais sem terra**. Disponível em: <https://mst.org.br/nossa-historia/84-86/>. Acesso em: 31 de julho de 2024.

PREFEITURA MUNICIPAL DE GUAÍRA. **Guaíra**: uma cidade no centro da história. Disponível em: <https://www.guaira.pr.gov.br/municipio/historiamunicipal>. Acesso em: 06 de agosto de 2024.

MUNDO NOVO. **Fim das Sete Quedas**. Youtube, 7 out. 2013. 11 min 42 s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0_flgNcMwqM. Acesso em: 28 de maio de 2025.

PEREIRA, Leontamar Valverde. Sete Quedas. In: PEREIRA, Leontamar Valverde; OLIVEIRA, Antonio Roberto de. **Todos os Cantos**. Curitiba: [S.n.], 1980. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vqNXRiwPmVk>. Acesso em: 27 de maio de 2025.

QUEDA de ponte matou 32. **Folha de São Paulo**, 1999. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff06099902.htm>. Acesso em: 9 de agosto de 2024.



ROCHELLI, Henrique. Kuarup. Ballet Stagium. **Da quarta parede**, 2017. Disponível em: <https://daquartaparede.wordpress.com/2017/10/10/kuarup-ballet-stagium/>. Acesso em: 26 de julho de 2024.

SANTOS, Ana Paula dos. **Lago de Memórias**: a submersão das Sete Quedas. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2006.

SANTOS, Rosângela dos. **Movimento Justiça e Terra**: memória, fotografia e imprensa – nas páginas do jornal Nosso Tempo (1980-1982). Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História. Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Foz do Iguaçu, 2016.

SILVA, Rubia da. **Uma cidade em silêncio**: memória das Sete Quedas em Guaíra. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História. Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Foz do Iguaçu, 2023.

STEFFEN, Nayra. **Criação do Parque Nacional de Sete Quedas – PR e sua extinção a partir da implantação da Usina Hidrelétrica de Itaipu Binacional**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon, 2022.

UM pouco da história do Parque Nacional do Iguaçu. **ICMBio**. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/parnaiguacu/quem-somos.html>. Acesso em: 16 de agosto de 2024.

Recebido em: 15/02/2025

Aceito em: 15/05/2025

[1] Grupo Fluxo PPGECT – Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Email: marirlfernandes@gmail.com

[2] Filósofa, bióloga e teórica feminista estadunidense, amplamente reconhecida por suas contribuições para os estudos de ciência, tecnologia e sociedade.

[3] Haraway, em seu livro “Quando as espécies se encontram”, utiliza essa palavra como uma ferramenta para compreender a complexidade das relações. Entre “reconectar os membros” e “tornar a lembrar”, ela frisa que a memória é construída socialmente, na carne e no signo. Não é um conhecimento sobre fatos passados, mas uma constante relação de práticas herdadas e criação de significados.

[4] Intervenção artística feita em pedra arenito em formato de arco que se estabelece juntamente a uma rota de pastoreio entre territórios da Escócia e da Inglaterra.



[5] Ilustração que apresenta uma possível interação entre um bebê humano e uma criatura não-humana.

[6] A canção pode ser ouvida na íntegra através do seguinte endereço:

<https://www.youtube.com/watch?v=vqNXRiwPmVk>

[7] O poema pode ser lido aqui: <https://www.lettras.mus.br/carlos-drummond-de-andrade/adeus-a-sete-quebras/>

[8] Mais informações sobre acidentes na construção da Itaipu e outros ocorridos nos megaempreendimentos promovidos pela ditadura militar, podem ser encontradas nesta página

<https://www.brasildefato.com.br/2023/06/20/itaipu-teve-mais-de-100-operarios-mortos-e-43-mil-acidentes-na-construcao-durante-a-ditadura#>